

A MONTANHA: INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS, DAS IMAGENS E DOS DISCURSOS (1904-1913).

LA MONTAÑA: INSTITUCIONALIZACIÓN DE LAS PRÁCTICAS,
DE LAS IMÁGENES Y DE LOS DISCURSOS (1904-1913)

THE MOUNTAIN: INSTITUTIONALIZATION OF PRACTICES,
OF IMAGES AND SPEECHES (1904-1913)

Manuela Hasse

Universidade Técnica de Lisboa – Portugal

Resumen: El presente artículo trata sobre la historia de las relaciones entre la montaña, el deporte y sus representaciones de género en Portugal, analizando la comprensión profunda de las relaciones entre el hombre y la montaña, con especial atención al estudio de las relaciones del deporte con los sexos. A pesar de que existen desde hace tiempo grupos de investigación sobre el género, como lo demuestra la publicación, desde hace ya algunos años, de las *Caras de Eva*, por parte de la Universidad Nueva de Lisboa, o los trabajos de algunos investigadores de otras universidades, el problema de las relaciones entre el género y los deportes de montaña permanece aún por estudiar y este ámbito es uno de ellos.

Palabras clave: Montañismo, Historia del Deporte, Género

Abstract: This paper tackles the history of the interaction between the representations of the mountain, sport and gender in Portugal. The paper considers the relationship between Man and the Mountain, with particular attention to the study of links between sport and gender. Although there have been for some years research groups on gender – as proved by the publishing for some years of *The Faces of Eve*, by the University Nova of Lisbon, or by the works of some other researchers from other universities– the connections between gender and mountain sports is still a subject requiring further studies and this area is one of them.

Key words: Mountaineering, Sport History, Gender

Síntese: Este trabalho aborda a história das relações entre a montanha, o desporto e as representações de género em Portugal. O presente estudo analisa a compreensão profunda da relação entre o homem e a montanha, com especial atenção quanto ao estudo da relação entre o desporto e o género. Ainda que existam, desde há anos, em Portugal, grupos de pesquisa sobre o género, como o demonstra, a publicação regular, desde há anos, da *Revista As Faces de Eva*, da Universidade Nova de Lisboa, ou os esforços de alguns investigadores isolados no seio de outras universidades, o problema das relações entre género e desportos de montanha permanece por estudar e esta área constitui um deles.

Palavras - chave: Montanhismo, História do Desporto, Género

O PROBLEMA: A MONTANHA, O DESPORTO E AS REPRESENTAÇÕES DE GÉNERO

É importante sublinhar, desde o início, o facto de que este artigo, sobre a história das relações entre a montanha, o desporto e as representações de género, em Portugal, constitui um estudo totalmente inicial. O que significa que, até ao presente, não houve qualquer estudo sobre a questão. Esta situação desencadeou em nós um interesse suplementar. Na verdade, apresentava-se como uma oportunidade de abrir questões totalmente novas. Para além das publicações aqui estudadas, não existem, em Portugal, estudos mais recentes que considerem um conhecimento aprofundado das relações entre os seres humanos e a montanha. Isto é assim não somente no que respeita a montanha em si, mas, acima de tudo, a propósito dos desportos de montanha, ou de inverno, e a questão da montanha nas suas relações com os desportos e o género. Ainda que existam, desde há anos, grupos de pesquisa sobre o género, como o demonstra, desde há anos, a publicação *As Faces de Eva*, da Universidade Nova de Lisboa, ou os esforços de alguns investigadores isolados no seio de outras universidades, o problema das relações entre género e desportos de montanha permanece por estudar.

Com efeito, enquanto em França existe, desde há décadas, uma área de pesquisa sobre género, e também sobre a montanha e as práticas desportivas, e sociais, que lhe estão associadas, esta não é a situação em Portugal. Sob esta perspectiva, a possibilidade de aprofundar um domínio de pesquisa no qual se entrecruzam as preocupações que motivam os estudos de história do desporto e os estudos de género torna-se especialmente interessante. Além do mais, perante a ausência de pesquisas sobre a montanha e, acima de tudo, da montanha e a relação com os desportos de inverno. As dificuldades fazem-se sentir desde a primeira leitura das fontes. Se, neste caso, as primeiras questões poderiam ser: entre tantos textos e imagens fotográficas, onde se encontra a mulher? Quais são as suas práticas? Em que condições as realiza? Em que condições é construída a sua relação com as práticas desportivas no quadro da montanha? Quais as representações que a acompanham? – nós verificamos, à medida que efectuávamos uma leitura mais profunda do conjunto das fontes que, face à ausência da mulher, as questões do género que emergiam de uma leitura inicial, as questões a formular sobre as relações de género e dos desportos de montanha, deveriam, antes, ser formuladas a partir do homem, sobre os grupos de homens que investiram pela montanha, de uma forma sucessiva, desde a segunda metade do século XIX, em busca de um conhecimento por meio do qual se estabelece, de forma à partida imperceptível, a construção subtil da sua própria masculinidade. Isto é, de um poder social e simbólico profundo.

Na nossa perspectiva, é precisamente sobre este ponto que é interessante prosseguir o estudo em causa. Isso permitir-nos-à conhecer e compreender como, por meio de que processos, se estabeleceram as estruturas particulares de comportamentos e, ainda, de estruturas sensíveis. As estruturas em causa apercebem-se materializadas por imagens claras e representações fortes, marcadas igualmente pela necessidade clara de registar em múltiplas imagens fotográficas aquilo que era vivido. Nesses casos, imagens e representações conciliam-se num sentido. Isto é, umas e outras, imagens e representações, aparentemente neutras quanto às relações entre homens e mulheres, são, com efeito, fortemente conotadas com a relação de homens e de mulheres com a montanha e os desportos particulares que lhe são associados (como o *ski*¹, o *luge*, o *toboggan*, a marcha), e, situação bem mais complexa e subtil, a construção subtil de

¹ *Tiro e Sport*, 30 de Junho de 1912, Anno XVIII, n° 495.

uma masculinidade. Processo sobre o qual se apercebe a construção lenta de um poder, e das relações de poder elaboradas consciente e inconscientemente, através dos desportos, e através de tudo que lhe estava conotado desde a segunda metade do século XIX.

Esta é uma situação que sobressai, justamente, pela invisibilidade, pela ausência total da mulher neste empreendimento inaugural – o conhecimento da montanha e o desenvolvimento dos desportos de montanha a promover, especialmente, no Inverno.

Determo-nos sobre aquilo que se passa em torno da montanha permite um olhar mais distanciado, que as décadas da segunda metade do século XIX, às quais corresponde a introdução dos desportos em Portugal, atenuam, de certo modo, pela intensidade do movimento social que constitui o próprio fenómeno. No caso presente, a montanha é a Serra da Estrela, de cerca de 2000m de altitude, a mais alta montanha do país, situada no centro Este, numa região bem característica, a Beira Alta. Se é verdade que tudo quanto foi registado pela imprensa e a literatura é, com efeito, escolhido e dirigido pelos homens, a insistência e a argumentação constante respeitam a participação das mulheres no movimento desportivo, às actividades em si, aos momentos de preparação e de consagração dos vencedores, aos preparativos de competições elegantes e familiares, à estação balnear, efectuada, em grande parte, por razões de saúde – sobre as quais se apoiavam as verdadeiras justificações de uma grande parte das transformações desejadas – é, no entanto, também verdade que a imprensa, ao promover esta campanha, estava bastante atenta ao público feminino. Na realidade, através da imprensa, procurava-se integrar as mulheres nas mudanças recentes, particularmente, em todas aquelas que se dedicavam à dinamização da vida, de que os desportos faziam uma parte repleta de atracção e de interesse.

Daí o facto que as posições de uns e de outros, dos homens e das mulheres, segundo uma imprensa desportiva plena de energia, pareçam mais aproximadas, precisamente, do que eram, na realidade. É esta posição relativa que a exploração da montanha, quase inesperada, coloca em evidência. Os homens partem, as mulheres ficam. Aos homens a iniciativa, às mulheres a passividade, o papel secundário, o apoio dos temerários. Da sua parte, os homens desdobram-se em contactos, munem-se de informações, planificam, organizam, avaliam os esforços e os custos, seleccionam os meios de transporte, os apoios, procuram as informações meteorológicas, reúnem os utensílios e as ferramentas, tomam decisões. As mulheres, são excluídas desta agitação. No quadro das crónicas elaboradas, dos registos que nos chegam, as únicas referências às mulheres respeitam a cozinha, os alimentos, a refeição que uma mulher prepara e embala para a primeira parte da viagem, ou o leite que uma jovem mulher lhes dá a beber pelo caminho para a parte mais difícil da montanha. Neste quadro, a mulher é uma figura que apoia, assiste, se encontra fora do primeiro plano. Nestes documentos, extraordinários pela sua raridade, os textos e as fotos mostram como a ausência das mulheres é evidente. O papel dos homens e das mulheres na vida social, e as configurações sociais em que se encontram inseridos, tornam-se mais claras. Não os papéis sociais da vida elegante da cidade, mas os da verdadeira vida, a vida de toda a gente. Este círculo, de que dão conta os textos e as imagens em causa, é de tal forma masculino que talvez permita conhecer, e compreender, as resistências às quais as mulheres se confrontaram no mundo latino, e, em particular, no sul da Europa, um mundo marcado por uma grande complexidade cultural e uma profunda diversidade do Mediterrâneo – contra os quais se confronta, ainda hoje, o fenómeno desportivo.

Nesta linha, as dificuldades traduzem-se, sobretudo, pelo afastamento das mulheres das acções e das responsabilidades que, em geral, os homens se atribuem a si próprios e que se manifestam pela invisibilidade, pelo silêncio das mulheres. E isso, tanto no que respeita o seu acesso às práticas desportivas, como naquilo que respeita o acesso às posições de decisão e de direcção, de tomada de decisão sobre a questão e a organização dos desportos ou, ainda, o acesso e a orientação dos media, agentes bem activos e, contudo, responsáveis da reprodução e do reforço da ordem dominante nesse espaço e tempo.

Contudo, o problema das relações entre homens e mulheres, as relações entre os sexos e os desportos, da relação entre as práticas e as representações dos sexos elaboradas a partir do espaço da montanha e, em particular, com os desportos de montanha, faz-nos penetrar no seio de um problema que persiste. Um problema que continua no quadro dos estudos dos desportos e da sociedade, decerto, assim como na maioria das actividades humanas e sociais. Numa época de profundas mudanças sociais, como a transição do século XIX para o século XX, a mulher das classes sociais mais elevadas permanece circunscrita, em geral, à esfera do privado. Estas mulheres, assistentes mais ou menos interessadas pelos desportos, distanciadas ou empenhadas na prática de certos desportos, como o ténis, a equitação, a natação. Tanto quanto, gerações mais tarde, as pesquisadoras investem na elaboração da história social dos desportos – e o estudo da sua participação social específica, associada desde há alguns anos às questões do género², introduzem, em todo o caso, exigências e preocupações inovadoras para a construção do conhecimento científico, a elaboração conceptual e os instrumentos de análise, tanto quanto para as abordagens metodológicas originais que desde aí enriquecem, na verdade³, os estudos das ciências sociais e humanas.

Deste modo, a interrogação sobre a presença, a participação e a integração das mulheres no desenvolvimento do fenómeno desportivo, exige um alargamento e uma abertura das perspectivas que, até muito recentemente, não existiam. Isso acontecia por uma ausência de formulação intelectual nesse sentido, formulação que, todavia, introduz novas questões, levanta novos problemas para a construção do próprio conhecimento científico, não só no domínio dos estudos do desporto, mas da própria sociedade, quer quanto às estruturas da relação entre os sexos, mas também, quer quanto à estruturação do tempo e do espaço, (como bem o sublinha Norbert Elias⁴, na Europa, ou Patricia Vertinsky, no Canadá), uma estrutura de relações que os indivíduos estabelecem entre eles, as estruturas de sensibilidade, de comportamento, de regulação dos comportamentos.

No quadro dos estudos do desporto, o desporto permanece um domínio masculino reservado⁵, os estudos sobre o desporto que se interrogam, através de várias fontes, media e de observação participante, sobre a relação dos homens e das mulheres no quadro dos desportos, são estudos que permanecem mal conhecidos, encerrados em pequenas redes académicas e de pesquisa. Com efeito, apesar de existir um conjunto de

² Concretamente, desde os fins dos anos 80 do século XX.

³ Ver, por exemplo, os trabalhos de Eric Dunning, Pierre Bourdieu ou a entrada *Género*, em 'The problem of woman', em *Social and Cultural Anthropology. The key concepts*, de Nigel Rapport e Joana Overing (2000), Routledge, Key Guides. London. Pp.141-153.

⁴ Referimo-nos, em especial, às obras *Le Temps*, e *La Société des Individus*, ver referências bibliográficas.

⁵ Para utilizar uma expressão de Norbert Elias e Eric Dunning, na obra *A Busca da Excitação*, e outras obras dos mesmos autores.

uma produção notável⁶ a nível internacional, fora dos círculos académicos, o impacto destes estudos, em particular, no universo dos desportos, é lento a penetrar instituições desportivas e aqueles que decidem (apesar dos esforços de Antonio Samaranch, através do COI, nesse sentido), as resistências à mudança, ao desestruturar e ao re-estruturar os seus modos de pensar e de agir, permanecem, com frequência, demasiado conservadores. De assinalar que se trata aqui de um campo de pesquisa científica vasto, rico de proposições e de revelações, um tema verdadeiramente inesgotável.

No centro destes problemas, as possibilidades de analisar a questão das relações entre a montanha, o desporto e as representações do género, aqui presentes, confrontamos com uma série de textos e de imagens que, para além de nos remeterem para o início do século XX, em Portugal, evocam uma interessante hipótese de Eric Dunning, ainda pouco explorada pelos historiadores e investigadores sociais dedicados aos estudos do fenómeno desportivo.

Esta hipótese respeita a formação dos clubes de rãguebi, em Inglaterra, a partir da segunda metade do século XIX. E, em particular, o facto de que a criação dos clubes de rãguebi possa estar eventualmente associada a um aumento do poder feminino, isto é, a uma forma de reacção a uma *ameaça* sentida entre certos homens face à sua masculinidade. Estes clubes de rãguebi não seriam, aliás, os únicos enclaves desenvolvidos com a finalidade, para certos homens, decerto aqueles que se sentiam os mais *ameaçados*, de reagir ao crescente poder feminino⁷.

É, também, neste sentido que aponta o trabalho de Betsy Wearing, *Leisure and Feminist Theory*⁸, que seguimos, no qual são analisadas as formas e as teorias que permitem verificar a maneira como o desporto, e o lazer, constituem os campos de construção da masculinidade em oposição ao feminino e de outras masculinidades em desvantagem. Com efeito, os textos, mas também as imagens produzidas, as quais constituem o conjunto de dados analisados neste trabalho, acentuam a marca masculina e reservada do fenómeno desporto. Nomeadamente, no espaço da montanha, período que coincide com o desenvolvimento crescente dos desportos nos principais centros urbanos da sociedade portuguesa. Por outro lado, neste período, a natureza dos lazers elegantes, ainda associada à introdução inicial dos desportos neste país, revelava-se, de uma certa forma, encorajadora quanto à participação das mulheres e, ainda, face a uma certa experiência comum dos dois sexos neste conjunto de actividades consideradas como um símbolo do mundo civilizado⁹.

De acordo com esta perspectiva, apesar do facto de a maior parte das iniciativas ligadas à introdução dos desportos, e a tudo quanto a este estivesse associada, se

⁶ De sublinhar, em França, os estudos de Catherine Louveau, em Inglaterra de Margaret Talbot, e de Jennifer Hargreaves, na Finlândia e Suécia de Leena Laine, no Canadá de Patricia Vertinsky e de Ann Hall, nos Estados Unidos de Roberta Park, por exemplo, entre tantos outros investigadores, intelectuais e académicos.

⁷ O desporto enquanto um domínio masculino reservado: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações, em Elias, Norbert, *A Busca da Excitação*, Cap. X, pp.389-412 (1992).

⁸ Ver, nomeadamente, *Leisure and Masculinities*, in *Leisure and Feminist Theory*, SAGE Publications, London, 1998, pp.83-102.

⁹ Ver, a este propósito, Hasse, Manuela – *O Divertimento do Corpo. Corpo, Lazer e Desporto, na transição do século XIX para o século XX, em Portugal*. Lisboa. 1999.

encontrar nas mãos dos homens¹⁰ ou, talvez mesmo por essa razão, a presença e a participação das mulheres era encorajada pelos textos da imprensa desportiva. Devido ao reconhecido valor higiénico, em particular, e sempre conotado com a prática dos desportos nesta época, e do interesse manifestado por uma presença feminina que, por si só, parecia contribuir para suavizar os costumes e garantir a natureza social, moralmente aceitável, das práticas e das iniciativas competitivas produzidas.

Procurar conhecer as práticas, as imagens e as representações do género associadas ao contacto inicial com a montanha, conjugadas no decurso deste processo, considerados nos limites deste trabalho, constitui um primeiro passo desta abordagem. Contudo, estas são acompanhadas pela expressão das razões que justificam a iniciativa da prospecção da montanha como um universo de possibilidades desportivas, de turismo e de desenvolvimento económico e nacional a explorar. O que nos permite assinalar, por um lado, um conjunto de comportamentos, de práticas, de imagens e de representações que, na verdade, nos remetiam para um quadro de relações entre homens e mulheres, tempos e espaços sociais que, na verdade se afastavam daquilo que caracterizava uma vida urbana onde as relações entre eles, em termos de comportamentos e de representações convencionais, seriam mais ou menos atenuadas pelas próprias condições sociais existentes. Por um lado, estas inserem-nos num processo de racionalização em elaboração justificando as iniciativas, as práticas, as imagens e as representações produzidas e, deliberadamente, registadas. Com efeito, a intenção de comunicar, de transmitir, de difundir o que havia sido feito, e de procurar, de uma certa forma, a aprovação social, uma sanção positiva, um reconhecimento dos seus pares e daqueles que não o eram, estavam inevitavelmente associados a estas iniciativas.

Daí a atribuição do texto escrito a um dos homens mais próximos dos *media*, designado de imediato o *reporter*¹¹, uma actividade e uma profissão em plena estruturação. A esta actividade iria ser associada a função de fotógrafo, para além de outras responsabilidades. Entretanto, através das imagens e dos discursos publicados nos jornais periódicos – que possuíam um público de leitores garantido e interessado -, os quais inscreviam e transmitiam as práticas e as representações associadas à vida social ligada aos lazeres elegantes mais recentes e, nomeadamente aos desportos, a orientação dominante das relações entre homens e mulheres era, de certa forma, ensombrada pela abertura de largas possibilidades sociais, de mobilidade social e de subversão da ordem instalada até ali.

E, também, pela efervescência sugerida pelas informações produzidas no quadro da vida citadina em plena ebulição. Esta relação era ofuscada por um certo estilo de vida, da qual a experiência do movimento, a circulação regular da cidade para o campo – embalado pelas preocupações crescentes relativas à higiene e à saúde, a moda balnear em direcção aos lugares termais, para o interior, mas também do litoral e das praias – e a indicação vigorosa promovida pelos médicos a favor da prática dos desportos, do

¹⁰ Referimo-nos aqui, não somente à prática mas também à organização, à promoção e à propaganda dos desportos, pela criação efervescente dos jogos, de provas e de competições das associações e dos clubes, de uma imprensa activamente empenhada no processo de propaganda dos desportos, dos responsáveis dos jornais desportivos, dos autores de textos e de imagens produzidas os quais visavam reforçar o interesse social pelos desportos e o seu valor para a sociedade portuguesa – símbolo do progresso e do movimento que se estendia por todo o mundo que se considerava a si mesmo como mundo civilizado.

¹¹ Em francês no original.

contacto com o ar livre e a natureza, faziam parte integrante¹². É no quadro deste contexto social – de onde provêm as referências da montanha, da sua vida e das suas possibilidades, das práticas de natureza lúdica ou atlética que lhe estão associadas, imagens descritas e registadas, - que a perspectiva das relações entre homens e mulheres, os comportamentos e as representações registados, sublinhavam a estruturação assinalada das solidariedades masculinas, favorecidas pela exploração de um espaço desconhecido e, por essa razão, profundamente receado.

A metodologia adoptada é histórico-antropológica, a partir de um denso *corpus* de documentos publicados desde o final do século XIX até ao presente, jornais, livros, revistas, textos e imagens foram considerados de forma sistemática, e na busca do sentido que acompanha a sua produção.

A MONTANHA – A EXPLORAÇÃO DESPORTIVA

No mês de Dezembro de 1904, Cláudio Rosado escreveu um artigo no jornal periódico nacional¹³ na secção intitulada *Excursão*, sobre a realização inesperada de uma excursão à Serra da Estrela. Este colaborador da publicação em causa tinha a responsabilidade de ser ele próprio o *reporter* de uma viagem ao interior Centro e Este do país, onde a Serra da Estrela está situada, uma região, no contexto do país, totalmente excepcional. Esta viagem implicava, como tudo o indicava, uma planificação prévia, um conjunto de preparativos sugerido pelas inevitáveis exigências de uma organização adequada. E isso, não somente devido às dificuldades do empreendimento mas, acima de tudo, devido à necessidade de prever e de organizar, até ao mínimo pormenor, uma deslocação complexa a qual implicava, entre outras, a formação de uma rede alargada de contactos, a participação indispensável de certos elementos locais, para o apoio relativo ao seu conhecimento da montanha mas, também, para que actuassem como guias, colaboração indispensável, num espaço considerado como pouco hospitaleiro, perigoso e totalmente desconhecido.

Com efeito, os preparativos assemelhavam-se, em tudo, a uma expedição etnográfica aos lugares mais escondidos do planeta, circunstância onde o grau de risco apenas poderia ser comparado ao grau de aventura. Apesar da distância, mais de ordem mental e psicológica do que verdadeiramente física ou geográfica, o risco, e a perspectiva dos perigos sempre ligados ao desconhecido, atribuíam um aspecto particularmente significativo à exploração da montanha – tanto por razões de ordem científica, quanto por razões de ordem desportiva.

Em todo o caso, a dimensão de insegurança inerente à expedição introduzia um elemento fundamental da sua atracção e do compromisso de concretizar a escalada. Neste quadro, e acima de tudo na medida em que os espaços urbanos e dos arredores das cidades, nos quais os rios e o mar ofereciam os maiores desafios, eram conhecidos, eram necessários outros campos de aventura. Lugares magníficos, fora do comum, a

¹² Hasse, M. – Oeiras e o Desenvolvimento de Novos Comportamentos de Lazer. A valorização de um novo mundo: o mar, a praia e as férias, in *Oeiras – A Terra e os Homens*, Iº Ciclo de Estudos Oeirenses. Editora Celta et Câmara Municipal de Oeiras. Pp. 265-285, Oeiras. E, também, Hasse, M. – O Desporto e os Lazeres no Concelho de Oeiras, na transição do Século XIX para o Século XX – Contribuições para a História Local, in *III Encontro de Historia Local. Para uma História dos Lazeres no Concelho de Oeiras*. DASC/DCT/-Sector de Action Cultural. Câmara Municipal de Oeiras. Ppp.31-38, Oeiras.

¹³ Rosado, Cláudio – Três dias na Serra da Estrela, in *Tiro e Sport (O)*, de 15 de Dezembro de 1904, Anno X, nº 296, e do 31 de Dezembro, Anno X, nº 297.

provocarem o medo, a angústia desencadeada pelo risco e, de uma certa forma, pelas condições geográficas favoráveis e mesmo mais acessíveis. Não se tratava, ainda, de partir para África ou para o Brasil, terrenos de outras explorações, como acabará por acontecer com a experiência da aeronáutica e a travessia do Atlântico em *aeroplano*, alguns anos mais tarde.

O riso, o medo, a aventura, eis o território a dominar. Face ao espaço rude da montanha, *repleto de animais selvagens*, como se acreditava, sublinhava-se, ainda, por esta própria representação de um espaço desconhecido, portanto completamente aberto a uma imaginação sem freio, as circunstâncias susceptíveis de acentuar o elemento psicológico do medo, os perigos possíveis, com efeito, todos os perigos aos quais era necessário fazer face, a natureza a conquistar constituía um vasto campo aberto para a descoberta do espaço tanto quanto uma ocasião de se descobrir a si mesmo. Isto é, de se descobrir num campo simbólico de competição com os seus próprios limites, as suas características psicológicas, as suas capacidades de resistência à fadiga, ao frio, ao medo, os seus limites físicos, psicológicos, humanos. O território do desporto.

Na realidade, não bastava o desenvolvimento de diferentes competências, motoras e físicas mas, também, sociais e científicas. Era necessário expôr-se aos elementos conjugados entre eles e, sempre, inesperados. Na montanha, a tempestade, a queda de neve, o vento, as rajadas, o granizo, o gelo, revestiam-se totalmente de um outro sentido¹⁴. No quadro da montanha, e do Inverno, os seus elementos representavam as possibilidades da vida e da morte, de sobrevivência. Eram a expressão da instabilidade. Daí os preparativos, os meses de organização, a montagem de uma escolta de apoio, longas pesquisas, contactos, a preparação logística para as comunicações igualmente, a utilização do telégrafo, do telefone, dos meios colocados à disposição pelo progresso e que permitiam as expedições às quais alguns aspiravam. Todos os instrumentos do mundo masculino, mecânico, científico, onde o ferro, o vidro, os materiais re-enviavam a universos dos homens, marcadamente masculinos. Daí a formação de grupos, as desistências e as substituições rápidas entre amigos, familiares, parentes, conhecidos ou indicados, e o treino¹⁵. E permite, por outro lado, verificar o interesse existente por este tipo de provas.

Escalar a montanha, no Verão ou especialmente no Inverno, representava uma aventura, uma oportunidade oferecida pela natureza que era necessário viver. Isso constituía uma prova física, psíquica, de carácter, acima de tudo numa época em que os homens se afirmavam nesse domínio e nas habilidades desportivas sobre as quais, por outro lado, eles se construía e se consolidavam sob a perspectiva da sua masculinidade, da sua virilidade. O medo tinha de ser desafiado para ser dominado. Aí residia o jogo que se escondia nos mistérios e nas descobertas que as altitudes, as temperaturas, as mudanças súbitas da atmosfera, da visibilidade, introduziam. A este propósito, o *reporter* escrevia: *À medida que aumentava o perigo, o espectáculo surgia cada vez mais belo e esse era um dos charmes mais encantadores do alpinismo*¹⁶. E as tecnologias ligadas aos instrumentos de comunicação e aos equipamentos para a neve, para os desportos de neve, como as botas, os *skis*, os trenós, tudo pertencia ao mesmo

¹⁴ O *Tiro e Sport* na Serra da Estrela – a nossa missão desportiva confirma a possibilidade dos desportos de Inverno em Portugal, em *Tiro e Sport*, 30 de Junho de 1912, Anno XVIII, nº495.

¹⁵ O Alpinismo em Portugal – Um treino no Monte Gordo, in *Tiro e Sport*, 30 de Setembro de 1911, Anno XVII, nº477.

¹⁶ O *Tiro e Sport* na Serra da Estrela – a nossa missão desportiva confirma a possibilidade dos desportos de Inverno em Portugal, in *Tiro e Sport*, 30 de Junho de 1912, Anno XVIII, nº495.

universo obscuro pelo qual se fazia apelo ao medo para melhor o dominar. Os instrumentos sobre os quais o carácter sério da iniciativa se tornava mais perceptível.

O risco, portanto, é essencial, é o elemento fundamental da aventura; a *imminencia dos perigos*¹⁷ era assinalada, a utilidade das sirenes logo que os objectos deixavam de ser visíveis a menos de um metro de distância¹⁸, a imaginação e o medo¹⁹ intensos. Nesta linha, era absolutamente necessário organizar. A planificação e a organização da expedição sugeriam a definição da época do ano mais adequada à viagem, o estabelecimento do grupo de excursionistas, a *caravana*, a escolha atenta do itinerário a seguir, os contactos com os indivíduos locais, a contratação de um guia experiente quanto aos acessos e os trilhos no interior da montanha, o alojamento, as provisões, os carregadores, os animais de carga para o transporte de tudo aquilo que se considerava necessário. Destacamos aqui, a natureza exploratória da viagem a efectuar: as necessidades de base, como as bagagens pessoais, os casacos de abrigo, as provisões indispensáveis, certamente, mas, também, os utensílios de registo e de apoio de toda a expedição, como os barómetros, os termómetros, as bússolas, os binóculos, os revólveres, os aparelhos fotográficos e os primeiros socorros. Os participantes, estes estavam encantados.

O que estava em causa era a aplicação, nesta iniciativa, de um conjunto de saberes complexo e reservado, baseado na ciência, o estudo, a observação, a sistematização e a racionalização de tudo o que poderia fazer apelo a uma certa sensibilidade, uma atenção particular, uma forma de olhar e de ver. Estes saberes eram então utilizados, manipulados e exercidos através dos dados disponíveis, isto é, perceptíveis. E constituía o apoio científico indispensável e seguro para a realização de algo pouco usual, qualquer coisa que havia sido efectuada por alguns, aventureiros dos quais se evocava, desde a metade do século XVIII, as proezas, as peripécias, os perigos e as duras provas de coragem, de resistência física e moral, seguidas, mais próximo do limite de 1800, de expedições científicas determinadas a recolher e a estudar os dados de uma outra natureza.

No âmbito dos relatos extraordinários, e das pesquisas científicas exaustivas efectuadas, toda a deslocação para espaços exteriores pouco habituais estava longe de ser simples. Na época em causa, isso supunha, na verdade, o contacto com os avanços mais recentes do conhecimento nos domínios da física, da química, das ciências da natureza e da biologia, conjugados em aplicações práticas na geografia, na meteorologia, na medicina. O conhecimento geográfico e do clima, cada vez mais necessário, materializava-se no estudo prolongado de cartas e de escalas, pela análise do espaço, a previsão e a escolha de meios de transporte, introduzia a utilização correcta e laboriosa da via férrea, os horários cada vez mais rigorosos para assegurar as correspondências, a coordenação de todo o movimento da *caravana* pela montanha, a logística, tudo quanto se achava indispensável para um período de permanência de três dias e de duas noites.

E, também, a utilização de um vasto leque de utensílios de medida e de registo de cada elemento: o clima, o espaço, os homens, as actividades de uma relação que mantinha um elevado nível de imprevisibilidade, isto é, de risco.

¹⁷ *Ibidem.*

¹⁸ *Ibidem.*

¹⁹ *Ibidem.*

Com efeito, a valorização e o estudo sistemático do espaço, das suas características, tendo em consideração os interesses políticos e administrativos mas, também, económicos e sociais, permitiu aos geólogos e aos químicos, aos geógrafos e aos meteorologistas, estudar todo o espaço português, relativo às águas termais e aos recursos que lhes estavam associados, mas, também, as condições particulares das regiões de altitude e, nesse quadro, das regiões montanhosas, entre as quais sobressaía a mais elevada montanha nacional, a Serra da Estrela. Ainda que a altitude justifique a definição de lugares estratégicos e militares, em 1881, contudo, havia sido efectuada uma incursão pela montanha de outra natureza – uma expedição médica destinada, afirmava-se, a estudar a aplicação das altitudes excepcionais da Serra ao tratamento de certas doenças pulmonares²⁰. A iniciativa não fora isolada, de uma certa maneira ela havia aberto a via a outras incursões na montanha.

Segundo esta orientação, em 1884 era publicado o trabalho de Emygdio Navarro, médico, o qual procurava sublinhar as qualidades geográficas e os benefícios para a saúde do exercício físico em altitude. Um ano mais tarde, Adelino de Abreu, então estudante do 5º ano jurídico e associado ordinário da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Associação Real dos Arqueólogos Portugueses de Lisboa, publicava, em 1895, em Coimbra, um estudo extenso e minucioso intitulado Serra da Estrela, com um longo e ambicioso sub-título *Topographia, Viriato, Ethnographia, Estações pré-históricas. Crosta do terreno. Monografias locais. Instantaneos da Montanha* no qual ele descrevia os factos e os registos de memória, como os mitos e as lendas associadas à vida na montanha e às suas gentes, pastores na sua maioria. Uma nova versão desta obra, revista e corrigida foi publicada em 1905, sob o título *Serra da Estrela (Guia do Turista)*. A atenção concentrada no registo do passado, a versão desenvolvida da obra orientava-se para as novas ocupações do presente.

Para além do valor destes estudos – o seu interesse residia, nomeadamente, no facto de estas se inscreverem num movimento europeu alargado e reproduzido nos diferentes países e revelavam um profundo conhecimento de iniciativas centradas no espaço da montanha – conduzidas em geral pelo Estado, para conhecer e controlar os recursos nacionais. Mas, também, conduzidas por particulares, médicos interessados, especialmente, no estudo dos benefícios da altitude para a saúde ou, ainda, de simples aventureiros e exploradores, estes mais interessados na possibilidade de busca do inesperado e do desconhecido. Face ao acolhimento reservado a todos estes estudos, os dois artigos publicados, em 1904, na secção *Excursão* de um importante periódico do desporto, *Tiro e Sport*, foram reunidos no ano seguinte num livro com o mesmo título, *Três dias na Serra da Estrela*, redigido pelo reporter, Cláudio Rosado. Segundo a linha das incursões em montanha, entre 1911 e 1913, era publicado um novo e grande conjunto de artigos, descrevendo com minúcia uma nova expedição desportiva à Serra da Estrela, desta vez em pleno Inverno, organizada e apadrinhada pela publicação em causa. O objectivo, afirmava-se, era a exploração da Serra tendo em vista dar a conhecer as possibilidades deste espaço particular da natureza para a prática dos desportos de Inverno. A estes estaria associado o desenvolvimento local e da região, a abertura do turismo e de todas as actividades ligadas à concentração sazonal de grupos, tendo em vista, nomeadamente, a prática dos desportos de Inverno. A visão, a abertura a recursos inesperados, de novas condições de vida, de uma verdadeira subsistência, menos dura, radical e rigorosa, para as gentes da montanha.

²⁰ Navarro, Emygdio – *Quatro dias na Serra da Estrela. Notas de um passeio*. Porto. 1884.

A sociedade apresentada estruturava-se por conhecimentos e iniciativas exploratórias empreendedoras, de onde ressaltavam as capacidades físicas, intelectuais e mentais, aspectos a partir dos quais se reforçavam os estatutos mais recentes, poderes e símbolos, espaço onde se desenrolavam os novos papéis sociais e se estabeleciam outras estruturas, a partir das quais se definiam e se fixavam outras hierarquias e relações diversas. Em primeiro lugar, afirmava-se um mundo masculino e a sua própria visão do mundo, os interesses em torno dos quais se desenrolava a mudança social, a luta social traduzida na perda de um outro universo, e a sua sobreposição a outros objectos, outras formas de pensar: o progresso, a educação e o desenvolvimento. Na esfera recuada do privado ou partilhada pelo sujeito masculino, a perspectiva de uma ‘delicadeza feminina, efémera’ justificaria o afastamento das mulheres do centro dos acontecimentos, a ‘sua protecção’, razão pela qual estas faziam parte dos elementos sociais mantidos na margem, desprovidos de historicidade.

O ALPINISTA – A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE

Entre as fontes estudadas, a ideia força do Barão Pierre Fleury de Coubertin, *mais longe, mais alto e mais forte*²¹, materializava-se pelas formas ainda incipientes do desporto, da sociedade em que este fenómeno se produziu. Sob esta perspectiva, o alpinismo é o desporto que se procurava desenvolver, no que respeita as montanhas portuguesas, e é sobre o alpinista que se concentra toda a atenção, é ele o actor de uma aventura a construir. Enquanto a montanha representava a natureza inexplorada, repleta de perigos e de desafios, compreendidos nas condições de altitude e as variações climáticas súbitas, a exploração desejada implicava directamente os homens, dos quais se exigiam as condições físicas, psicológicas e mentais particulares. Assim, as possibilidades desejadas de aventura, e de risco, não deixavam de sobressair da extrema atenção dada aos meses de preparação e de treino dedicados ao empreendimento da excursão em si. Uma situação que se pode verificar tanto na prospecção inicial de 1904, encarada como um passeio efectuado no mês de Agosto, como nas duas tentativas efectuadas anos mais tarde, por iniciativa do jornal periódico *Tiro e Sport*, durante o Inverno, condição de grande exigência e agravando de forma acentuada as dificuldades e os perigos inerentes a uma expedição de reconhecimento desportivo, no decurso da qual era necessário fazer face a condições verdadeiramente extremas.

A proeza estava destinada aos homens. O convite, ou a selecção, para a participação, sugeria uma análise das características morais, psicológicas e de carácter, na linha sugerida pelo *reporter* ao afirmar²² que ele não queria perder nem a ocasião, nem a oportunidade, de estudar um pouco de psicologia, e para isso a composição do nosso grupo oferecia-lhe muitos indivíduos a observar pois, em cada companheiro, encontrava um temperamento diferente. O que estava em causa era a possibilidade de assistir aos contactos do homem com a natureza, num ambiente desconhecido e sob diferentes aspectos. Entre as hesitações que aí se manifestavam, a integração de uma mulher na *caravana* estava absolutamente fora de questão. No quadro da organização da expedição de 1912, as tarefas encontravam-se distribuídas da seguinte forma: Duarte Rodrigues, que registava e escrevia sobre todo o empreendimento, procedia ao estudo das *obras mais reconhecidas sobre o alpinismo e os desportos de Inverno*, sendo igualmente responsável pela direcção dos *ensaios da prática dos desportos*, aspecto que levantava algumas questões: *como praticar o ski, o toboganning, a patinagem, sem*

²¹ *Citius, Altius, Fortius*, ideia chave de todo o espírito olímpico.

²² *Tiro e Sport*, Anno XVIII, nº494, de 15 de Junho de 1912.

aparelhos e sem homens habituados a estes desportos? Como ultrapassar as dificuldades relativas à *deslocação na neve* e o gelo natural? Cláudio Rosado, por sua vez, era o director da *caravana*, Mário Rosado, o comissário, Senna Cardoso, o *especialista em fotografia das questões desportivas* teria a atribuição dos serviços fotográficos. António Dias, ocupar-se-ia da topografia e ajudaria o director da expedição, e Charles Hill, médico dentista, seria o responsável de enfermaria, enquanto os irmãos Alberto e João Gimenez faziam os levantamentos *altimétricos, barométricos e termométricos*²³. Para assegurar o registo de imagens relativas à acção desportiva, o grupo possuía, ainda, um operador cinematográfico, João Correia, e para as práticas desportivas, Fernando Correia. Um verdadeiro *team* de exploradores, em todo o caso, o primeiro grupo português a defrontar a montanha com uma intenção desportiva implícita e um objectivo de desenvolvimento desportivo da região.

As comunicações eram, entretanto, asseguradas por uma complexa rede de correspondentes, uns e outros permitiam a circulação da informação até ao responsável da expedição, e apenas as restrições logísticas (as instalações para dormir), impediam a participação de outros elementos no grupo.

No quadro destes preparativos, para os quais a prática dos desportos de Inverno implicava propaganda mas, também, uma operação de relevo para garantir, desta forma, o impacto sob os leitores. Neste caso, as palavras de Claude Lévy-Strauss, na *Introduction* da obra de compilação dos trabalhos de Marcel Mauss, *Sociologie et Anthropologie*, permitem compreender mais profundamente o conjunto das acções desencadeadas, as suas implicações mais profundas. Com efeito, ‘cada técnica, cada conduta, tradicionalmente aprendida e transmitida, funda-se em certas synergias nervosas e musculares que constituem verdadeiros sistemas, solidários de todo um contexto sociológico. Isto é verdade para as técnicas mais humildes (...) e isso também o é da mesma forma nas grandes construções simultaneamente sociais e físicas’. O que permite compreender, que não se tratavam apenas das técnicas próprias dos desportos de Inverno que se introduziam na sociedade portuguesa, mas que havia, também, uma conciliação de um conjunto de estruturas profundas, menos visíveis e menos acessíveis, mas sempre em curso, numa sociedade em mudança. No entanto, é neste contexto que as mulheres continuavam afastadas dos espaços, tempos e actividades considerados como *domínio* dos homens, situação conservada pela distância, a oposição, a inferiorização²⁴ impostas pela impossibilidade de ver de uma outra forma, uma forma diferente, apesar das vontades de transformação das coisas da vida social. Com efeito, as vontades de mudança apresentavam uma natureza operacional, mas não ainda em bastante profundidade. Ainda que os exercícios físicos apoiassem a descoberta, *a vontade de saber, de ver e de crear*²⁵, de que a exploração da montanha era uma prova, obstáculos de uma outra natureza impediam mudanças mais acentuadas no sentido das mentalidades.

Ainda no âmbito operacional, o vestuário e os equipamentos de montanha, e dos desportos de Inverno, contribuíram para a transformação física e visual. De facto, um novo *look* é atribuído à influência dos desportos na transformação do vestuário e de uma outra aparência de carácter estético, facto assinalado, sem qualquer aprofundamento, em diferentes histórias da moda. O exterior marcado pela dupla necessidade de garantir os movimentos e de impedir a entrada do frio, o arrefecimento do corpo, a protecção.

²³ *Ibidem.*

²⁴ Wearing, Betsy, *op.cit.*, p.3.

²⁵ *Ibidem.*

Contudo, a imagem de cada indivíduo era, a partir de agora, dominada pela actividade na neve. Deste modo, a mudança do vestuário urbano levava cada participante a uma incursão no domínio da máscara, uma outra realidade que se impunha perante a impossibilidade de transformar o mundo. Daí, manifesta-se a possibilidade de se transformar a si próprio é criada pela utilização da máscara, de que o vestuário é um elemento fundamental, como o sublinhava o autor do artigo em causa ao afirmar: *‘Chega finalmente o momento de me mascarar de ‘alpiniste’*. Os casacos da primeira exploração da montanha, efectuada no tempo quente, haviam sido substituídos por um grande conjunto de peças: roupa interior, camisolas de lã, calções e casaco em cotim, um par de botas, protectores das pernas em malha, o *borel*, tecido grosso e resistente, equipamentos pesados e resistentes, os equipamentos pesados que as fotografias revelavam ainda com metros de corda aos ombros, o bastão de apoio, os chapéus, a barba hirsuta e a observação final: *‘Eu estava chic! Eu parecia qualquer coisa semelhante a um alpiniste*. É importante notar as representações associadas a um elemento de distinção social, o aspecto *chic* atribuído pelo vestuário de alpinista, assim como a natureza *chique* igualmente mencionada como a *parte espectacular* das práticas desportivas²⁶ e inerente a toda a expedição à Serra. Este facto apresenta-se, igualmente, dotado de uma certa importância, tendo em atenção a sensibilidade particular a um elemento visual ou à eventual elegância mas, também, às representações em torno dos desportos, das viagens, das aventuras e das descobertas no centro de uma distinção social procurada igualmente ou, talvez em especial, através dos lazeres elegantes, tais como os desportos, e as aventuras de exploração da montanha, que a fotografia e o cinema transmitia e preservava.

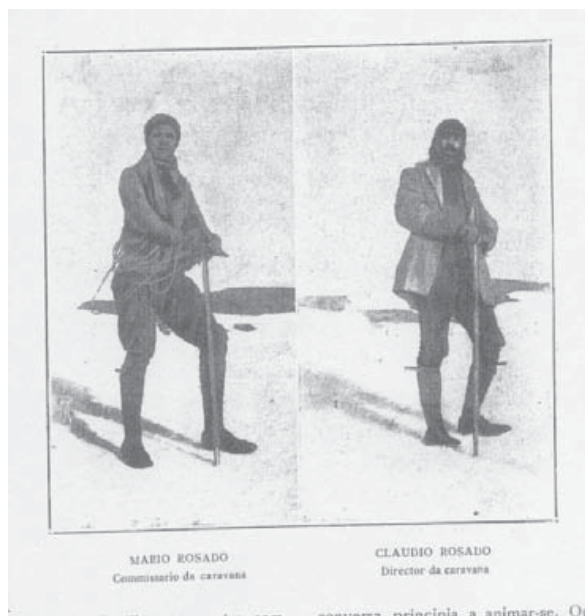


Foto 1 – Mario Rosado et Claudio Rosado.
Tiro e Sport, 1912

No entanto, ainda que o equipamento inicial apresentasse uma aparência pouco comum, outros acessórios e comportamentos sublinhavam a separação do mundo corrente; entre outros utensílios de medida, mais delicados e de utilização mais sofisticada, a conquista da montanha não dispensava a confrontação com utensílios mais comuns como as picaretas, os cabos e as cordas, os patins e os *crampons* para a

²⁶ *Tiro e Sport*, 15 de Junho de 1912, Anno XVIII, n° 494.

deslocação sobre o gelo, utensílios sem os quais era impossível viver a experiência do *ski*, do *tobogganing*, da patinagem ou da marcha. E os termos estrangeiros, designações de práticas corporais e desportivas distantes, acentuava a natureza *chique* dos desportos que compreendiam as *glissades*, as *grimpées* e outras inovações.

Simultaneamente, o contacto com a estação invernal oferecida pela montanha acentuava a vivência de sentimentos e de sensações extremas, a alegria e a tristeza, a felicidade, entrecortadas pelo medo, o frio, a fadiga, a solidão, a contemplação, a coragem, a embriaguez, o sonho, a imaginação, o delírio, o pavor, o riso incontrolável que sacudia todo o grupo em momentos particulares, uma vez o grupo reunido, protegidos por condições extremas, em geral à hora do almoço, do deitar, da higiene. Nestes momentos, a identificação, o sentido de grupo intensificava-se, marcados pela necessidade de prosseguir pela neve, em fila, ligados pelas cordas, a forma simples de manter a ligação entre todos, de se protegerem. E as gentilezas e as cortesias, a alimentação – que um apetite acentuado pela montanha e os esforços efectuados transformava em grande festa, a bebida que o frio autorizava, o repouso em comum. No decurso de um jantar oferecido por um elemento distinto da região, *sem empregados nem empregadas*, falava-se de autonomia e de independência total num contexto em que cada um dependia tanto do outro como é pouco comum e, declarava-se: *30 e poucos homens...* As formas subtis da autonomia e da comunidade, nas quais se cimentavam as solidariedades masculinas que, finalmente, se opunham entre si. O mundo da vida corrente, relações com aqueles que se construíram como o oposto, sem compreender onde residia, ao simples olhar, a descoberta fundamental do seu próximo.

Conclusões

A elaboração deste estudo inicial oferece-nos uma perspectiva bastante interessante sobre as relações na montanha, e a significação desta exploração por um grupo limitado de portugueses, do sexo masculino, na transição entre o século XIX e o século XX. Com efeito, a principal conclusão, que procuraremos explorar no futuro próximo, é a total ausência da mulher entre estas práticas desportivas iniciais na montanha. Numa sociedade em que os esforços de integração invadiam os textos publicados, a iniciativa de exploração da montanha, entre outras certamente, revelava uma realidade totalmente diferente, a saber: grupos de homens organizavam-se em torno de uma actividade nova, plena de perigos e de aventura, sobre a qual se construía a sua própria masculinidade, fora das influências e dos olhares dos outros, fora da cidade. Como nas sociedades africanas, e outras, na sua relação com a montanha, os homens em questão pareciam ter a necessidade de afastamento, do perigo, para construir e sublinharem uma outra masculinidade, uma outra força.



Foto 2 – Excurção à la Serra da Estrela
Tiro e Sport, 1912

FONTES

Abreu, Adelino de, *Serra da Estrella*. Topographia, Viriato, Estações pré-históricas. Crusta do terreno. Monographias Locaes. Instantâneos da serra. Coimbra.1895.

Abreu, Adelino de, *Serra da Estrella (Guide du Touriste)*. 2^o édition. Revue et corrigée. Illustrée avec des gravures dans le texte et une carte des altitudes. Lisboa.1905.

Duarte Rodrigues, *Aos Montes Hermínios. Impressões de uma viagem de exploração desportiva na Serra da Estrella organizada pela Revista ‘Tiro e Sport’*. Lisboa.1912.

Navarro, Emygdio, *Quatro dias na Serra da Estrella. Notas de um Passeio*. Porto.1884.

Rosado, Cláudio, *Três dias na Serra da Estrella*. Lisboa.1905.

Tiro e Sport, An X. n^o 296. 15 décembre 1904.

Tiro e Sport, An X. n^o 297. 31 décembre 1904.

Tiro e Sport, An XVII. n^o 477. 30 septembre 1911.

Tiro e Sport, An XVII. n^o 478. 15 octobre 1911.

Tiro e Sport, An XVII. n^o 479. 31 octobre 1911.

Tiro e Sport, An XVII. n^o 480. 15 novembre 1911.

Tiro e Sport, An XVII. n^o 482 . 15 décembre 1911

Tiro e Sport, An XVIII. n^o 494. 15 juin 1912.

Tiro e Sport, An XVIII. n^o 495. 30 juin 1912.

BIBLIOGRAFIA :

- Allen, E. John B., *The Culture and Sport of Skiing from Antiquity to World War II*. Amherst. 2007.
- Aron, Jean-Paul, *Misérable et glorieuse la femme du XIXe siècle*. Éd. Fayard. Paris.1980.
- Bourdieu, Pierre, *La Domination Masculine*. Paris. 1988.
- Bourdieu, Pierre, Comment peut-on être sportif? In *Questions de Sociologie*. Paris. 1984.
- Calado, Virgínia M^a dos Santos Henriques, A Construção de um Espaço de Montanha: a Visão da Serra da Estrela de 1881 à década de 30. *Dissertação de Mestrado*. ISCTE. Lisboa.1994.
- Cazeneuve, Jean, *Les Pouvoirs de la Télévision*. Saint-Amand.1970.
- Corbin, Alain (dir.), *L'Avènement des Loisirs 1850-1960*. Aubier. Paris. 1995.
- Duclert, Vincent, Fabre, Rémi et Fridenson, Patrick, *Avenirs et avant-gardes en France XIXe-XXe siècles hommage à Madeleine Rebérier*. Éditions de La Découverte. Paris. 1999.
- Elias, Norbert, *La Société des individus*, Fayard, Paris, 1991
- Elias, Norbert, *A Busca da Excitação*. Difel. Lisboa.1992
- Elias, Norbert, *Du temps*, Fayard, Paris, 1996
- Garcia, João, *A mais alta solidão. O primeiro português no cume do Everest*. Lisboa. 2001.
- Hasse, Manuela, *O Divertimento do Corpo. Corpo, Lazer e Desporto, na transição do século XIX para o século XX, em Portugal*. Lisboa.1999.
- Hasse, Manuela, Oeiras e o Desenvolvimento de Novos Comportamentos de Lazer. A valorização de um novo mundo: o mar, a praia e as férias, in *Oeiras – A Terra e os Homens. I^o Ciclo de Estudos Oeirenses*. Editora Celta et Câmara Municipal de Oeiras. Pp. 265-285, Oeiras.
- Hasse, Manuela, O Desporto e os Lazeres no Concelho de Oeiras, na transição do Século XIX para o Século XX – Contribuições para a História Local, in *III Encontro de História Local. Para uma História dos Lazeres no Concelho de Oeiras*. DASC/DCT-Sector de Acção Cultural. Câmara Municipal de Oeiras. Pp. 31-38, Oeiras.
- Hoibian, Olivier, Sociogenesis of a Social Field. The Cultural World of Mountaineering in France from 1870 to 1930, *International Review for the Sociology of Sport* 41/3-4, 339-355. 2006.
- Hofmann, Annette R. and Trangbaek, Elsa (Eds.) *International Perspectives on Sporting Women in Past and Present*. Denmark. 2005.
- Junior, José Carlos Rodrigues e Silva, Cinthia Lopes da, A significação nas aulas de Educação Física: encontro e confronto dos diferentes ‘subúrbios’ de conhecimento, in *Pro-Posições*, v.19, n.1 (55) – jan./avr.2008, pp. 159-172.
- Levy-Strauss, Claude, Introduction, in Mauss, Marcel, *Sociologie et Anthropologie*, PUF, Paris, 1989.
- Kerber, Linda K. and Hart, Jane Sherron, *Women's America. Refocusing the Past*. 3rd Edition. Oxford University Press. New York and Oxford. 1991.
- Macfarlane, Robert, *Mountains of the Mind. A History of a Fascination*. London.2003.

- Mangan, J.A. and Park, Roberta (Eds.), *From 'Fair Sex' to Feminism. Sport and the socialization of Women in the Industrial and Post-Industrial Eras*. Frank Cass. London and New York.1987.
- Mauss, Marcel, *Sociologie et Anthropologie*, PUF, Paris, 1989.
- Mestre, Michel, *Les Alpes. Histoire de l'Alpinisme*. Aix-en-Provence.1996.
- Perrot, Michelle (Dir.), *Une Histoire des Femmes est-elle possible?* Rivages. Paris.1984.
- Perrot, Michelle, *Les Femmes ou les silences de l'Histoire*. Flammarion. Saint-Amande-Montrond.1998.
- Samivel, *L'Amateur des Abîmes*. Paris.1963.
- Shills, Edward, *Centro e Periferia*. Lisboa.1992.
- Sontag, Susan, *Sur la Photographie*, Christin Bourgoise Éditeur, 2000.
- Vertinsky, Patricia, *The Eternally Wounded Women. Women, Doctors and Exercise in the Late Nineteenth Century*, University of Illinois Press. Urbana and Chicago.1994.
- Vertinsky, Patricia and McKay (Eds.), *Disciplining Bodies in the Gymnasium. Memory, Monument, Modernism*. London and New York.2004.
- Vertinsky, Patricia and Bale, John (Eds.), *Sites of Sport. Space, Place, Experience*. Routledge. London and New York. 2004.
- Wearing, Betsy, *Leisure and Feminist Theory*. Sage Publications. London.1998.